

ARTIGO

**BRANQUITUDE E DISCURSO RACISTA EM COMENTÁRIOS AO
WEBJORNAL *FOLHA DE SP***

(Whiteness and racist speech in comments to the webjournal Folha de SP)

(Blanquitud y discurso racista en comentarios al webjournal Folha de SP)

Daniele de Oliveira¹
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Recebido em: março de 2022
Aceito em: junho de 2022
DOI: 10.26512/les.v23i1.42348

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Adjunta do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA (PPGLinC-UFBA). Líder do grupo de pesquisa Margens e Entrelinhas (GME). E-mail: danieleoliveira99@gmail.com

RESUMO

Estudos sobre a branquitude vem, a cada dia, ganhando mais espaço no contexto acadêmico brasileiro. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é contribuir para a discussão no que se refere ao aspecto discursivo. Fundamentada, nos Estudos Críticos do Discurso, em diálogo com os Estudos Críticos da Branquitude, nesta pesquisa analisei o discurso branco presente em comentários de leitores postados na coluna da filósofa Djamila Ribeiro na Folha de SP. A análise demonstrou a presença de modelos mentais fundamentados em pressupostos racistas nesse contexto.

Palavras-chave: Branquitude. Comentários. Discurso branco. Estudos Críticos da Branquitude, Estudos Críticos do Discurso.

ABSTRACT

Studies on whiteness are, every day, gaining more space in the Brazilian academic context. Thus, the objective of this work is to contribute to the discussion regarding the discursive aspect. Based on Critical Discourse Studies, in dialogue with Critical Whiteness Studies, in this research I analyzed the white discourse present in comments from readers posted in the column of the philosopher Djamila Ribeiro in Folha de SP. The analysis demonstrated the presence of mental models based on racist assumptions in this context.

Keywords: Whiteness. Comments. White discourse. Critical Whiteness Studies. Critical Discourse Studies.

RESUMEN

Los estudios sobre la blanquitud están, cada día, ganando más espacio en el contexto académico brasileño. Así, el objetivo de este trabajo es contribuir a la discusión sobre el aspecto discursivo. Con base en los Estudios Críticos del Discurso, en diálogo con los Estudios Críticos de la Blanquitud, en esta investigación analicé el discurso blanco presente en los comentarios de los lectores publicados en la columna de la filósofa Djamila Ribeiro en Folha de SP. El análisis demostró la presencia de modelos mentales basados en supuestos racistas en este contexto.

Palabras clave: blanquitud, comentarios, discurso blanco, Estudios Críticos de la Blanquitud, Estudios Críticos del Discurso,

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a branquitude no Brasil começaram a se multiplicar após Maria Aparecida da Silva Bento ter passado a se dedicar à discussão, então inovadora, sobre o pacto narcísico da branquitude (BENTO, 2002) no ambiente de trabalho. A reflexão de Frankenberg (2004) sobre o conceito de branquitude também pode ser considerada um marco no início mais sistemático das discussões sobre a branquitude em nosso país.

Ancorada nessas e em outras tantas autoras e autores (SCHUCMAN, 2012; SOVIK, 2009; CARDOSO, 2008, por exemplo), a branquitude é cada vez mais problematizada, nos mais diversos aspectos. No âmbito acadêmico (PASSOS, 2013; LABORNE, 2014), na educação infantil (CARDOSO, 2018), nas relações sociais (COROSSACZ, 2014), entre outros. Há também trabalhos que abordam o discurso da branquitude na mídia (MULLER, 2017; SANTOS, 2018), mas o viés discursivo da discussão ainda é pouco explorado. E é exatamente essa minha abordagem.

O objetivo deste trabalho² é, portanto, investigar como funciona o discurso da branquitude, tendo como foco o contexto do jornalismo hegemônico brasileiro, mais especificamente os comentários postados em uma coluna do webjornal *Folha de São Paulo*. A coluna escolhida foi a da filósofa Djamila Ribeiro cujo eixo norteador são os temas relacionados às relações raciais no Brasil. O objetivo é observar aspectos discursivos dos comentários postados no que se refere à presença de pressupostos racistas.

Sendo assim, partirei de uma breve apresentação de alguns aspectos da abordagem sociocognitiva do discurso, perspectiva proposta por van Dijk (1993, 2008, 2009, 2010), articulados com estudos sobre relações raciais (ALMEIDA, 2018; CARNEIRO, 2005; KILOMBA, 2015) e jogando o foco para a branquitude (FRANKENBERG, 2004; DIANGELO, 2018), perpassando ainda algumas proposições de estudos sobre os comentários no webjornalismo (ROST, 2014) para então chegar na análise do discurso presente nos comentários no webjornalismo brasileiro, propriamente dita, precedida da metodologia adotada.

1. BRANQUITUDE, RACISMO E DISCURSO

O principal objetivo dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) é colaborar no combate a qualquer tipo de injustiça, por meio da investigação sobre como o discurso pode contribuir para a manutenção de desigualdades sociais (VAN DIJK, 2009). O foco dos ECD está fundamentalmente no problema social em tela, analisado por meio do discurso entendido como injusto e compreendido como aquele que viola direitos humanos ao mesmo tempo em que contribui para a desigualdade social, notadamente no que se refere a gênero, raça ou classe (VAN DIJK, 2009).

O discurso em tela neste trabalho é o discurso da branquitude presente nos comentários postados na coluna da filósofa Djamila Ribeiro no webjornal *Folha de S.Paulo*. O objetivo é investigar se este pode ser considerado um discurso injusto, que (re)produz modelos mentais tendenciosos e que, portanto, corrobora com a manutenção da forte desigualdade racial presente na sociedade brasileira, nos termos propostos por van Dijk (2009).

A branquitude, mais do que simples pertencimento racial, é um lugar de privilégio em uma sociedade racialmente organizada (FRANKENBERG, 2004) como a brasileira. Schucman (2012, 2014) também aponta o lugar de privilégio social ocupado pela branquitude, o que evidencia a importância de se estudar seu discurso, de se refletir sobre seu papel na manutenção e na legitimação das desigualdades raciais na sociedade brasileira e propor reflexões para a comunidade em tela que

² Este artigo apresenta resultados da pesquisa de pós-doutoramento realizada na Universidad Pompeu Fabra (UPF) sob supervisão do professor Teun van Dijk, no ano de 2021.

possam contribuir para a desconstrução de tais desigualdades. É importante jogar luz para o papel do branco em estudos sobre relações raciais, uma vez que a maioria dos estudos sobre o racismo e as relações raciais é sobre os negros (SCHUCMAN, 2012). É importante, pois, compreender também os *protagonistas de atitudes racistas*, bem como seu discurso, suas ideologias.

O privilégio branco pode ser reconhecido nas mais diversas esferas da vida cotidiana, no ambiente de trabalho, de estudo, de lazer etc. Uma simples ida ao supermercado pode ser um momento tenso para uma pessoa negra ciente de que seu pertencimento racial pode implicar em um tratamento diferenciado.

Para ilustrarmos esse tratamento racialmente diferenciado, retomo dois fatos que aconteceram na cidade da Salvador, Bahia, na mesma semana, no final de abril de 2021. O primeiro fato é o roubo de quatro pacotes de carne em um supermercado, por dois homens negros, tio e sobrinho, que foram executados depois de torturados como punição pelo roubo. O segundo fato é o roubo de um queijo em uma delicatessen, por uma mulher branca, que saiu da loja sem ser incomodada “pra não gerar constrangimento”, segundo o dono da loja³. Apenas o racismo pode explicar a enorme diferença no tratamento concedido aos homens negros e à mulher branca nesses casos de roubo.

Pode-se mencionar também a diferença no acesso a bens simbólicos como a educação formal, onde também impera a desigualdade. Em todos os níveis de ensino o acesso da população negra é inferior ao da branca, consequência de oportunidades distintas e também da ausência de políticas públicas que garantam equidade de acesso⁴.

Esses exemplos ilustram como opera o racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) no Brasil. Ao se negar o acesso à educação, conseqüentemente é negado o acesso aos empregos cujas rendas são mais elevadas. Dessa forma, a desigualdade é mantida e sustentada pelo discurso da meritocracia, por exemplo, segundo o qual pessoas negras tem salários mais baixos porque não se esforçam o suficiente, o que, por sua vez, corrobora o discurso da inferioridade intelectual das pessoas negras, entre tantas outras supostas inferioridades perpetradas pelo racismo.

Carneiro (2005), partindo da filosofia de Heidegger, demonstra como a humanidade é retirada da população negra. Para a autora, o racismo nega a universalidade (condição ontológica) da população negra, ao mesmo tempo em que a reduz às suas particularidades (condição ôntica). Se raça, cor, cultura, religião e etnia são da ordem das particularidades, esse movimento acaba por atribuir

³ <https://revistaforum.com.br/blogs/socialistamorena/o-pais-onde-preto-se-furtar-carne-morre-e-branco-pode-furtar-queijo-e-sair-de-boas/>

⁴ <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/do-inicio-ao-fim-populacao-negra-tem-menos-oportunidades-educacionais-2/>

uma incompletude humana à população negra. Nas palavras da autora, “é a redução do ser à sua particularidade que aprisiona o indivíduo não-ocidental ao seu grupo específico” (CARNEIRO, 2005, p. 28).

Essa forma de inferiorizar o outro se concretiza discursivamente, no caso do racismo, pela branquitude quando ressalta aspectos que confirmariam a ideia da inferioridade da população negra. Um exemplo: no âmbito das discussões sobre a implementação das cotas (Lei 12.711/2012) para negros nas universidades no Brasil, um dos argumentos contrários à implementação das cotas era que a entrada de negros nas universidades abaixaria o nível de ensino já que eles não conseguiriam acompanhar o ritmo dos brancos, em tese mais inteligentes e preparados. No entanto, o tempo vem demonstrando que o desempenho de cotistas e não-cotistas é equivalente⁵.

Tais discursos partem de uma fragilidade branca (DIANGELO, 2018) que norteia a ideologia racista de uma branquitude muito interessada em manter seus privilégios. O racismo é, portanto, (re)construído ininterruptamente por meio do discurso e a mídia é uma das grandes fontes de opiniões sobre questões raciais (VAN DIJK, 2008) relativas a eventos e a pessoas negras em geral e que reverbera nos comentários postados online que, por sua vez, também retroalimentam esse discurso (ROST, 2014).

Tendo em vista a compreensão do racismo como um sistema de ideias (ALMEIDA, 2018) discursivamente compartilhado (KILOMBA, 2015), esse problema social será investigado neste trabalho a partir de uma abordagem sociocognitiva do discurso que tem por interesse investigar como o discurso reverbera o abuso de poder de um grupo sobre outro (VAN DIJK, 2008, 2009), mais especificamente, de brancos sobre negros. Tal abordagem tem como objetivo central contribuir para a compreensão e para a solução de problemas sociais sérios (VAN DIJK, 2009).

A abordagem sociocognitiva proposta por van Dijk (2009) parte da triangulação entre discurso, cognição e sociedade, já que almeja investigar também as representações mentais dos interlocutores quando produzem e compreendem discursos no momento de dada interação verbal. Dessa forma, o discurso, bem como tudo⁶ o que o envolve, é o meio de acesso a conhecimentos e ideologias compartilhadas entre grupos sociais.

Nessa abordagem, a representação é compreendida como um *modelo de contexto*, ou seja, uma representação mental subjetiva e dinâmica dos participantes sobre a situação comunicativa. E é o modelo de contexto que vai intermediar a articulação entre as estruturas discursivas e as estruturas sociais (VAN DIJK, 2009).

⁵ <https://conexao.ufrj.br/2017/04/pesquisa-mostra-bom-desempenho-de-cotistas-mas-discriminacao-continua/>

⁶ A interação verbal como um todo, eventos comunicativos e situações, estruturas societárias etc.

Van Dijk (2009) propõe ainda que a primeira etapa da análise seja a das macroestruturas semânticas, os temas globais; em geral, presentes em títulos, resumos, sumários e anúncios. Nesta pesquisa, cujo objeto é o discurso do leitor da *Folha* que posta comentários, a partir da leitura de um determinado texto, os temas globais foram identificados, mas o foco da análise recairá sobre os comentários que os textos provocaram.

Dessa forma, a análise partiu da estrutura desses comentários, de sua semântica local, ou seja, das estruturas e natureza de suas proposições, sua coerência etc. Significados locais partem dos modelos mentais e podem ser controlados pelos modelos de contexto do(s) autor(es) do texto, o que envolve conhecimento e ideologia e, portanto, podem influenciar os modelos mentais, opiniões e atitudes dos destinatários (VAN DIJK, 2009). Dessa forma, os modelos de contexto (modelos mentais específicos) também constituem a base da produção do discurso, além de ser o resultado da sua compreensão.

Neste trabalho, os comentários estão sendo abordados também a partir da perspectiva da interatividade, uma das sete particularidades⁷ do webjornalismo que o distingue do jornalismo feito em outros meios. Para Rost (2014, p. 55), a interatividade é entendida como “a capacidade gradual que um meio de comunicação tem para dar maior poder aos utilizadores tanto na seleção de conteúdos (‘interatividade seletiva’) como em possibilidades de expressão e comunicação (‘interatividade comunicativa’)”, o que significa a concessão de um certo poder ao leitor. Poder tanto de escolher os caminhos de navegação quanto de interagir com outros leitores, ainda que tal participação esteja longe de significar uma horizontalidade total, o que iria ao encontro dos interesses das redações. No caso específico dos comentários, por exemplo, eles são controlados e podem ser apagados pela editoria do webjornal se, de alguma forma, atentarem contra os interesses das redações.

De acordo com Rost (2014), a interatividade seletiva se refere à ação do leitor em relação ao conteúdo no processo de recepção; já a interatividade comunicativa vai além e permite ao leitor gerar conteúdo público. Meu foco, nesta pesquisa, está na segunda, pois a interatividade comunicativa permite ao leitor dialogar⁸, concordando ou não, tanto com o conteúdo do texto e seu autor quanto com outros leitores. É importante ressaltar ainda que essas formas de interatividade não são específicas do webjornalismo, mas foram reconfiguradas nesse novo contexto e assumiram uma maior relevância no processo de leitura do noticiário.

⁷ As demais são: hipertextualidade, multimedialidade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade, todas apresentadas por diversos autores na obra *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença* (2014), organizada por João Canavilhas.

⁸ Há outras formas de interatividade comunicativa, segundo Rost (2014), além dos comentários abaixo das notícias, tais como perfis em redes sociais do webjornal, fóruns, envio de notícias/fotografia/vídeos etc.

A maior visibilidade do discurso do cidadão no webjornalismo vem acompanhada de alguns inconvenientes, segundo Rost (2014), já que o número de participantes ativos é muito menor do que o número de visitantes. Essa desproporção resulta no fato que a maioria silenciosa de leitores acompanha o discurso da minoria ruidosa, em geral, mais apaixonada ou envolvida com os temas que comenta.

É importante ressaltar, por fim, que o discurso veiculado nos comentários está sendo compreendido como um discurso branco ou da branquitude, tendo em vista que a maioria dos assinantes da *Folha*⁹ possui nível superior, carro e usa cartão de crédito, o que os inclui na denominada classe média brasileira que, por sua vez, é predominantemente branca. Dessa forma, o discurso branco é o discurso da branquitude, que reverbera ideologias características desse grupo social, cujo interesse primordial é a manutenção de seus privilégios. Essa identidade racial é a que Cardoso (2010, 2014) denomina como branquitude crítica¹⁰, que publicamente não se assume como racista, mas que pode, por exemplo, acionar pressupostos racistas em seu discurso para defender seus interesses.

Passemos agora à análise de comentários racistas postados na coluna da filósofa Djamila Ribeiro, no webjornal *Folha de S. Paulo*.

2. COMENTÁRIOS RACISTAS À COLUNA DE DJAMILA RIBEIRO

A análise proposta foi feita a partir de comentários postados na coluna da filósofa Djamila Ribeiro, no webjornal *Folha de SP*, na qual ela discute principalmente questões relacionadas às relações raciais no Brasil, o que faz com que Djamila seja rotulada em diversos comentários como *monotemática*, o que já indica uma avaliação negativa dos assinantes¹¹ do jornal sobre a temática central da coluna. Em 2020 e 2021, período selecionado como recorte para esta investigação, a autora publicou 101 textos na coluna e em 40 deles identifiquei comentários que expressam o discurso branco, notadamente com argumentos que se fundamentam em pressupostos (VAN DIJK, 2017) racistas. Quase todos os 101 textos receberam pelo menos um comentário cada, sendo a média geral de dezesseis comentários por texto¹², o que permite afirmar que a coluna de Djamila é lida pelos assinantes do webjornal e também desperta neles a vontade de postar comentários. O simples desejo

⁹ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi14069907.htm>

¹⁰ Para Cardoso (2010, 2014), a branquitude acrílica é a que defende publicamente o racismo, como os membros da Ku Klux Klan (KKK).

¹¹ Somente os assinantes da *Folha* podem postar comentários nos textos do webjornal.

¹² Três textos não foram comentados.

de comentar determinado artigo já sugere que o leitor confere alguma importância a esse conteúdo, ou seja, que não fica indiferente a ele, para o bem ou para o mal.

No escopo da abordagem sociocognitiva proposta por van Dijk (2008, 2009, 2010), o autor apresenta como estruturas semânticas do discurso são guiadas por determinadas ideologias (VAN DIJK, 2017). Dentre elas, optei por focar na *pressuposição* e na *lexicalização* como categorias analíticas que constituirão o eixo central da análise dos comentários selecionados, aqueles que expressam ideologias racistas. Van Dijk (2017) compreende a pressuposição como “o conjunto de conhecimentos culturais tácitos que dão significado ao discurso” (VAN DIJK, 2017, p. 171) ou ainda, trata-se das proposições verdadeiras, mas não explicitamente expressas no discurso. Já a lexicalização constitui a dimensão primordial de um discurso controlado por ideologias e parte da seleção lexical – seleção dos significados das palavras –, bem como de frases e orações (VAN DIJK, 2017).

Os comentários racistas identificados foram agrupados por temáticas mais específicas, tendo sido as mais recorrentes: (i) ataques diretos à autora dos textos; (ii) discurso antirracista é vitimismo; e (iii) a divisão entre negros e brancos é proveniente do discurso antirracista. É importante registrar que muitos comentários englobam mais de uma dessas temáticas e, também, outras não selecionadas para foco desta análise, como será visto nos exemplos mais adiante.

Como já foi dito, estou compreendendo como discurso branco o discurso da branquitude que defende ideias racistas, que se contrapõe aos direitos humanos, mais especificamente relacionado a questões raciais, e não necessariamente o discurso proferido por uma pessoa branca, tendo em vista que discursos e ideologias muitas vezes extrapolam o grupo social ao qual se referem. No *corpus* em tela foram encontrados, por exemplo, comentários postados por pessoas que se autodeclararam como negras e que reproduzem o discurso branco ao qual me refiro:

1. **Sou negro, então estou no meu lugar de fala.** Dito isso afirmo, essas pessoas não estão lá nem a 50 anos, não tem documentos, vivem na idade da pedra, tem padrão de vida miserável. O movimento negro deveria lutar para essas pessoas pudessem estudar e sair da miséria em que vivem. **O movimento negro se resume a vitimismo e ressentimento, precisa avançar e entender que só o estudo e trabalho mudam e elevam a vida.** Viver de bolsas e cotas não sobe a classe e nem a qualidade de vida. (HR, 03/04/2020)¹³
2. **Djamila achou um filão de negócio, que é vitimizar e ressentir o fato de ser negra, como eu também sou.** Mas estudei engenharia e formei meus 3 filhos porque nunca os transformei em coitadinhos, vítimas de exclusão ou algo do tipo. Nos negros temos que parar de choradeira, pregar a ambição de melhorar de vida e subir pelo estudo. **Não há uma lei, uma**

¹³ Os comentários foram reproduzidos da mesma forma que foram publicados no site da *Folha*, sem correções ou ajustes. Os autores dos comentários foram identificados por suas iniciais.

instituição e nenhuma pessoa abertamente racista nesse país, só os negros que lucram com estes temas que dividem a sociedade e trazem ódio. (HR, 17/07/2020)

Nos dois primeiros comentários em destaque, seus autores se autodeclararam como negros. Em (1), o autor do comentário aciona também o conceito de lugar de fala, divulgado pela própria Djamila Ribeiro (2018), ainda que o faça de modo distinto do que propõe a autora: *Sou negro, então estou no meu lugar de fala*. O uso do operador argumentativo *então* conduz a uma conclusão relativa ao argumento citado anteriormente: a afirmação da própria negritude. Dessa forma, o autor do comentário se legitima a falar em nome da população negra, fundamentado no pressuposto racista segundo o qual apenas pessoas negras podem ou devem falar sobre questões raciais. Tal pressuposto orienta para a isenção dos brancos nesse debate e, conseqüentemente, em sua responsabilidade na proposição de soluções para a superação do racismo.

Na realidade, o conceito de lugar de fala não restringe a discussão sobre questões raciais a negros ou a discussão sobre misoginia às mulheres. De acordo com Ribeiro (2018), “o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas de outras perspectivas”, no entanto, isso não significa uma restrição no debate aos membros do grupo (VAN DIJK, 2008), mas que distintas perspectivas devem ser consideradas a partir de suas especificidades. Por exemplo, a perspectiva de negros e brancos no debate racial é fundamentalmente distinta porque pessoas brancas não vivenciam a experiência do racismo, mas cada um, a partir de seu lugar de fala, pode (e deve) contribuir para esse debate e a conseqüente superação do racismo.

Nos comentários (1) e (2), seus autores reverberam o discurso branco, embora tenham se autodeclarado negros. Eles o fazem também por meio da lexicalização, ao se referirem ao movimento negro como *vitimista* e *ressentido*, reforçando uma ideologia da branquitude, que se sustenta em um pressuposto racista, segundo o qual negros e brancos no Brasil teriam as mesmas oportunidades de empregos, por exemplo. Essa ideologia desconsidera o fato de que negros, em geral, tem menos acesso à educação formal, o que implica em ocupações profissionais com renda menor à dos brancos. Dados da PNAD Educação 2019¹⁴ informam que 71,7% dos jovens fora da escola são negros. Voltarei a essa discussão mais adiante já que essa perspectiva do discurso antirracista como *vitimista* é bastante recorrente nesse contexto.

Em (2), é importante ressaltar também a afirmação segundo a qual não há racismo institucional no Brasil: *Não há uma lei, uma instituição e nenhuma pessoa abertamente racista nesse país*. O uso do advérbio *abertamente* pode conduzir ao engano sobre a existência ou não do racismo

¹⁴ https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf

institucional em nosso país. Entende-se por racismo institucional “o fracasso coletivo de uma organização em oferecer um serviço apropriado e profissional a pessoas devido à sua cor” (SAMPAIO, 2003), causando desvantagens a pessoas de grupos étnicos. Esse fracasso pode ser proveniente de ignorância, negligência ou estereotipação racista.

Dessa forma, pode-se afirmar a existência do racismo institucional no Brasil quando se pensa na tímida presença de pessoas negras em cargos de comando como resultado de estereotipação racista que causa uma importante desvantagem para as pessoas negras em termos profissionais. Um exemplo de como isso acontece é a ausência total de editores não brancos nas redações dos principais jornais brasileiros, portais e emissoras¹⁵.

No que estou entendendo como discurso branco, o tema mais recorrente nos comentários racistas postados na coluna de Djamila Ribeiro foi o ataque direto à autora da coluna:

3. Coitada da **simplista Djamila**, querendo que os filmes voltem a ser de puros moços contra puros bandidos, mas desta vez numa versão identitária em que o moço é preto. **Não sabe ver filme complexo, não sabe entender** que um filme com personagem elaborado que narra a própria história não tem que acabar com final feliz justiceiro. Você não tem dinheiro, Djamila? Você não é livre? Invista numa produção negra da história de Marielle em vez de apontar o **dedo tirano de seu sofá pretensamente filosófico**. (BM, 13/03/2020)
4. Apenas a **iluminada Djamila é capaz de nos fazer entender** ... afinal de contas **ela tem lugar de fala!** ah e nunca diga a uma mulher negra " que ela precisa entender "....é tão ofensivo !! (EE, 06/08/2020)
5. Lamentável ver a Folha dando espaço pra **esse tipo de gente**. (AL, 23/08/2020)
6. A autora mesmo quando está certa, quanto a deixar a opção do aborto a mãe, tem que meter no texto suas obsessões, tudo é racismo, tudo é patriarcado, machismo... **Essa autora é uma das piores que a FSP já abrigou**, todos seus textos são de criação de vitimismo, ressentimento e ódio. (HR, 21/08/2020)
7. **O caso é de ignorância ou má-fé?** Já não bastam as fraudes estatísticas decorrentes da reunião de pretos e pardos como negros fazendo com que até descendentes de indígenas sejam categorizados como negros, mas também essa manipulação estatística recorrente de usar como sinônimos (para tratar de...estatísticas) pretos e negros?!?! **Aprendam, militantes:** "negros" é gênero e "pardos" e "pretos", espécies. No momento: pardos 46,7% da população brasileira, pretos 9,4%.Negros: 56,1%. Que coisa absurda... (JF, 21/01/2021)
8. Sabe quem mais sofre com o tipo de greve que a senhora apóia? As crianças e mulheres negras da periferia e favelas. Mas sei que **você está apenas sendo coerente com a sua filosofia oportunista, filósofa do ressentimento**. (FLF, 05/03/2021)

A suposta inferioridade do negro é acionada, por exemplo, quando em (3) e (6) a inteligência da autora é questionada, respectivamente: *Não sabe ver filme complexo, não sabe entender* (3) e *Essa*

¹⁵ <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/race-and-leadership-news-media-2021-evidence-five-markets>

autora é uma das piores que a FSP já abrigou (6). Esse discurso retoma o racismo científico, muito em voga no século XVII, que defendia uma suposta superioridade do branco sobre o negro, para assim justificar a escravização de negros e o colonialismo (SCHWARCZ, 1993). Os comentários (3) e (6) demonstram que tal discurso continua circulando. Outra forma de ressaltar a inferioridade negra foi por meio da ironia presente em *a iluminada Djamila é capaz de nos fazer entender* (4), tendo em vista que a ironia aciona um sentido distinto do sentido primeiro do termo, no caso, o adjetivo *iluminada*, usado para afirmar sua suposta pouca inteligência. Observa-se ainda a expressão *esse tipo de gente* (5), também usada para avaliar negativamente uma pessoa ou grupo. Mas a que se refere exatamente *esse tipo de gente*, nesse contexto? Esse tipo de gente preta? Esse tipo de gente antirracista?

A seleção lexical também explicita pressupostos racistas nos comentários em tela. Sugere-se, por exemplo, que Djamila faça uma *versão identitária em que o moço é preto* (3), uma versão do filme em debate, *Tropa de elite*. A origem do termo *identitária* se relaciona às particularidades de determinado grupo, aliado à união contra um inimigo comum. Nesse sentido, é pertinente a menção aos grupos sociais identitários, tais como movimento negro, movimento de mulheres etc que reivindicam os direitos de seus membros. Mas o uso do termo no comentário em destaque aciona um sentido pejorativo muito recorrente no discurso branco racista, qual seja, o de que o movimento negro teria um caráter separatista, que teria instaurado a divisão entre negros e brancos ou entre nós e eles (VAN DIJK, 2008).

Em (6) e (7), a seleção lexical induz ao questionamento sobre a pertinência das discussões sobre questões raciais. A recorrência da temática na coluna de Djamila é caracterizada como uma *obsessão* (6) e a forma de apresentação de dados é vista como *fraude e manipulação* (7). Considerando-se a dívida histórica que o Brasil tem com a população negra, iniciada com tráfico de escravizados no século XVI e suas implicações que se desdobram até os dias atuais, pode-se dizer que há muito ainda a se discutir sobre como erradicar o racismo enraizado em nossa sociedade. Já o questionamento sobre a credibilidade das estatísticas, nesse contexto, também pode ser considerado um ataque à autora do texto, tendo em vista que ela também lança mão desses dados que teriam sido manipulados e/ou fraudados.

A organização do comentário (7) sugere um pressuposto que também aponta para uma suposta pouca inteligência de Djamila, já que começa com um questionamento: *O caso é de ignorância ou má-fé?* (7), seguido, poucas linhas depois, de uma ordem: *Aprendam, militantes* (7). A pergunta, evidentemente, é retórica e, portanto, pressupõe tanto ignorância quanto má-fé no texto da autora. Além disso, há uma ordem para os *militantes*, palavra que no contexto midiático hegemônico brasileiro tem uma conotação negativa. Em geral, o militante não é visto como aquele que defende

uma causa (feminismo, antirracismo etc.), mas como aquele que cria problemas e é principalmente associado à esquerda no campo da política.

Outra forma de ataque à autora é por meio de seu ofício. Djamila Ribeiro é graduada e mestra em filosofia¹⁶, o que provoca comentários tais como: *dedo tirano de seu sofá pretensamente filosófico* (3) e *you are only being coherent with your opportunistic philosophy, philosopher of resentment* (8), formas de questionar a competência da filósofa. Ressalte-se ainda o qualificador *tirano* para as questões levantadas por ela que, no mesmo comentário, foi adjetivada como *simplista*. Também podem ser considerados ataques à autora a avaliação negativa de sua prática como filósofa. Em (3), seu sofá é considerado *pretensamente* filosófico e em (8) sua filosofia é dita *oportunista*. Tanto o uso do advérbio *pretensamente* quanto do adjetivo *oportunista* são formas de se questionar a prática profissional de Djamila e, portanto, se configuram como ataques à autora.

O ataque direto à autora pode ser entendido também como um argumento falacioso, já que o ataque ao homem ou *argumentum ad hominem* acontece exatamente quando o debatedor, no caso em tela, a pessoa que posta o comentário, ataca a pessoa, a autora do texto, e não um argumento específico.

Muito recorrente também foi o discurso que associa o antirracismo ao vitimismo:

9. Saco esses artigos de **peessoas q se fazem de vitimas** esses tal de politicamente correto. Esse país tá um saco. **Não aguento mais tanto mimimi.** (CSVL, 13/03/2020)
10. **O discurso da vitimização** é o que dá o tom a qualquer discussão social no Brasil. Aqui a história, a sociologia, a antropologia, a geografia, a psicologia, só têm **uma perspectiva: a da vítima.** (TRS, 13/03/2020)
11. **Chega de chororô de quem quer viver às custas dos outros.** (FE, 04/04/2020)
12. **Os direitos tanto reivindicados pelos negros já chegaram ao seu platô** (se compararmos com uma pandemia). **A sociedade já está sendo justa com eles. O que ocorre são apenas casos pontuais**, que poderiam ocorrer com qualquer cidadão, com as penalidades já previstas em lei para os infratores. Não há como avançar mais nesse aspecto. O sonho de uma sociedade perfeitamente homogênea, onde todos seriam exatamente iguais em tudo não passa de uma utopia (TG, 24/07/2020)
13. **Todos estão no mesmo barco sim!!! Querem cota para vacina também! Chega de vitimismo barato!** (AC, 21/01/2021)
14. **Dja MIMIMIMIMI la Ribeiro** monotemática só fala sobre pretos. Pobres negras linda e inteligentes que vivem sofrendo de racismo como Maju Coutinho, Ludmila, Preta Gil, Zezé Mota, Taís Araujo, Beyoncé e tantas outras. E Este Karnal é um chato de galocha; Djamila, aproveita as viagens que você tanto cita e vira o disco. (OT, 25/03/2021)

¹⁶ Ambos pela Universidade Federal de São Paulo – Unifesp.

Nos exemplos acima, observa-se: *peçoas q se fazem de vitimas* (9), *Não aguento mais tanto mimimi* (9); *o discurso da vitimização* (10); *Chega de chororô de quem quer viver às custas dos outros* (11); *Chega de vitimismo barato!* (13) e *Dja MIMIMIMIMI la Ribeiro* (14). Em todas essas ocorrências, seus autores parecem desconsiderar a situação em que vive a população negra no Brasil, o que os torna um tanto desconectados da realidade. Vejamos dois exemplos. Pesquisa da ONG britânica Oxfam – “A distância que nos une – um retrato das desigualdades brasileiras” (2015) – demonstrou que o salário das pessoas negras é, em geral, metade do valor do salário de pessoas brancas no Brasil¹⁷. Além disso, dados do Atlas da Violência 2021 indicam que pessoas negras no Brasil tem mais do que o dobro de chance de serem assassinadas do que pessoas de outras raças. Esses são apenas dois exemplos da enorme desigualdade entre negros e brancos, que por si só já justificariam a existência do movimento antirracista e, mais, que fazem parecer superficial e tendenciosa a classificação desse movimento como vitimista ou algo similar.

Afirma-se ainda uma justiça desmentida pelos dados apresentados no parágrafo anterior: *A sociedade já está sendo justa com eles [população negra]* (12) e prossegue: *Não há como avançar mais nesse aspecto* (12). Essas afirmações pressupõem uma justiça social que não se verifica na realidade brasileira. Pressuposto que também pode ser acionado a partir de *Todos estão no mesmo barco sim!!!* (13), no que se refere ao enfrentamento à pandemia. Na verdade, negros são 1,5 vezes mais propensos a morrer de Covid-19 do que os brancos¹⁸, o que significa dizer que até podemos estar todos expostos à mesma tempestade, mas de forma alguma no mesmo barco.

Outro ponto recorrente nos comentários é a atribuição da divisão entre negros e brancos no Brasil ao discurso antirracista, desconsiderando que tal divisão é consequência, na realidade, do racismo:

15. Que horror! Com artigos como o da Sra. Djamila e o teor de alguns dos comentários ao texto da articulista, **antevejo para um futuro próximo, brancos em guerra contra negros** (é o termo correto?), homens contra mulheres... Tristes tempos em que para ser herói há necessidade de ser vítima. (CB, 13/03/2020)
16. **Toda política brasileira tem objetivos de eliminar o branco e seus direitos** (VN, 1/05/2020)
17. Preto e branco são traficantes da mesma forma, **quem faz essa distinção são pessoas como você que vivem em função de propagar o ódio, o apartheid, a distinção e o ativismo racista e fundamentalista negro!** Já era querida conta outra porque as pessoas não estão mais acreditando nesse racismo insano travestido de defesa dos pretos! (GM, 13/07/2020)

¹⁷ <https://www.oxfam.org.br/publicacao/a-distancia-que-nos-une-um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/>

¹⁸ <https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/a-desigualdade-mata/>

18. Mas **tenho receio de que a construção da identidade negra crie uma uma separação entre brasileiros**, como por exemplo havia - não sei se ainda há - a exclusão de brancos no bloco Ilê Ayê. (RC, 20/11/2020)
19. **Hoje não há guerra racial no Brasil. Mas o movimento negro radical quer que haja**. E está fazendo o possível e o impossível para que isso aconteça. Tem gente que tem paixão pela destruição. (BM, 10/12/2020)
20. Ódio do Brasil tem a colunista e sua turma de "antirracistas" q desprezam a mestiçagem brasileira, q dificulta desenvolver o Projeto Racialista de dividir, se vingar. Ódio ao Brasil tem a colunista q se diz "afrodescendente", "afro-brasileira". Ódio ao BR tem ela q pouco se importa com a Ciência e a produção e os resultados q entrega, desde q ocupem os bancos universitários pessoas da sua raça. **Ódio ao BR tem esses ativistas q menosprezam a Revolução Abolição p enaltecer o escravista Zumbi** (FR, 13/05/2021)

Nos comentários (15) a (20) há a afirmação, direta ou indireta, de que o movimento antirracista é que provoca a divisão entre negros e brancos e não o racismo: *antevejo para um futuro próximo, brancos em guerra contra negros* (15); *Toda política brasileira tem objetivos de eliminar o branco e seus direitos* (16); *quem faz essa distinção são pessoas como você que vivem em função de propagar o ódio, o apartheid, a distinção e o ativismo racista e fundamentalista negro!* (17); *tenho receio de que a construção da identidade negra crie uma uma separação entre brasileiros* (18); *Hoje não há guerra racial no Brasil. Mas o movimento negro radical quer que haja* (19); e *Ódio ao BR tem esses ativistas q menosprezam a Revolução Abolição p enaltecer o escravista Zumbi* (20).

Em (15) e (19), os autores dos comentários acionam a metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 2002) da guerra pra falar dessa divisão, mas o pressuposto desses comentários indica que essa divisão vai acontecer apenas no futuro. Os dados mencionados anteriormente sobre a dificuldade no acesso à educação formal pela população negra, bem como a maior probabilidade de ser assassinada são exemplos suficientes para demonstrar que a guerra entre negros e brancos no Brasil está em curso desde o período colonial.

Nos comentários (17) e (18), embora não usem a metáfora da guerra, a *distinção* (17) e a *separação* (18) entre negros e brancos é diretamente creditada à *pessoas como você* [Djamila] (17) e à *construção da identidade negra* (18). Mais uma forma de reforçar a ideia de que o antirracismo é o responsável por essa separação e não o próprio racismo.

Há também a tentativa de uma contraposição entre *a Revolução Abolição* e *o escravista Zumbi* (20), o que pode ser entendido como mais um recurso para responsabilizar o movimento antirracista pela evidente divisão entre negros e brancos no Brasil. Embora a abolição até possa ser compreendida como uma tentativa de revolução que foi abortada, atribuir o epíteto *escravista* para Zumbi não confere com a realidade. Dessa forma, o movimento antirracista não menospreza a abolição, o que o

antirracismo se propõe é combater o legado da escravidão que tem como consequências, ainda hoje, uma enorme desigualdade entre negros e brancos no Brasil; já Zumbi, este foi um grande líder quilombola de seu tempo e lembrado como *símbolo da resistência negra* (GOMES; LAURIANO; SCHWARCZ, 2021, p. 579).

Há também nesse discurso uma referência ao racismo reverso quando se afirma: *as pessoas não estão mais acreditando nesse racismo insano travestido de defesa dos pretos!* (17). Se o racismo é compreendido como uma relação de dominação de um grupo por outro (VAN DIJK, 2008), evocar o racismo de negros contra brancos não se sustenta, já que não há registro dessa forma de dominação na história do Brasil. Ressalte-se ainda o adjetivo *insano* usado para caracterizar a luta antirracismo.

Por fim, observa-se, também como um pressuposto, o que entendo como fio condutor de todo esse discurso racista que é o medo branco: *Toda política brasileira tem objetivos de eliminar o branco e seus direitos* (16). O medo branco, segundo Azevedo (1987), existe desde o momento pós-abolição e foi ele que levou os deputados provinciais da época à opção imigrantista. Diferentemente dos abolicionistas, esses deputados não queriam a inclusão do negro livre ao mercado de trabalho. O medo branco se mantém ainda hoje, o medo da racialização e, conseqüentemente, o medo da perda de privilégios. E esse medo, explicitado no discurso branco, por sua vez, revela o que Diangelo (2018) denominou como fragilidade branca.

A fragilidade branca (DIANGELO, 2018) nasce da superioridade e do direito e, portanto, constitui um meio poderoso de controle racial e de proteção dos privilégios dos brancos. Essa fragilidade, discursivamente expressa, como nos exemplos usados neste trabalho, evidencia um modelo mental que compreende a maior inclusão do negro na sociedade como uma ameaça e, portanto, deve ser combatida. Por isso, os argumentos acionados parecem tão frágeis: a falácia do ataque direto à autora do texto, a ideia de que a defesa de direitos fundamentais para a população negra é vitimismo e a responsabilização do movimento/discurso antirracista pela divisão entre negros e brancos na sociedade brasileira, entre outros não explorados neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do discurso da branquitude, por meio de comentários racistas postados na coluna da filósofa Djamila Ribeiro na *Folha*, demonstrou que o discurso branco ali presente se sustenta, de fato, em pressupostos racistas, tais como a suposta inferioridade intelectual dos negros, a ideia equivocada segundo a qual somente pessoas negras podem falar sobre questões raciais e a suposta igualdade de oportunidades entre negros e brancos no Brasil. Tais pressupostos demonstram o medo branco (AZEVEDO, 1987) explicitado por meio do discurso que contesta políticas públicas direcionadas

para a população negra e até mesmo a presença da discussão sobre questões raciais em um grande jornal. O medo branco, por sua vez, revela a fragilidade branca (DIANGELO, 2018), o temor que a branquitude tem de que a população negra tenha acesso aos mesmos direitos e oportunidades.

É importante ressaltar que o embate ideológico da branquitude contrária a igualdade e, portanto, ao discurso antirracista, fica mais evidente no período em que a população negra teve mais direitos e oportunidades reconhecidos, por exemplo, com mais acesso à educação superior por meio das cotas, o que provocou a ampliação do debate sobre questões raciais tanto na academia quanto na mídia. Esse embate ideológico é fundamentalmente discursivo e evidencia a (re)produção de modelos mentais (VAN DIJK, 2009) tendenciosos, racistas, que não só corroboram, mas que almejam e defendem a manutenção da forte desigualdade racial no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AZEVEDO, C. M. M. de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BENTO, M. A. S. *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. Instituto de Psicologia, Tese, USP, 2002.

CARDOSO, C. *Branquitude na educação infantil: um estudo sobre a educação das relações étnico-raciais em uma unidade educativa do município de Florianópolis*. Setor de Educação, Dissertação, UFPR, 2018.

CARDOSO, L. A branquitude acrílica revisitada e a branquitude. *Revista da ABPN*, v. 6, n. 13, p. 88-106, mar./jun. 2014.

CARDOSO, L. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. *Revista Latinoamericana de ciencias sociales, niñez y juventud*. v. 8, p. 607-630, 2010.

CARDOSO, L. *O branco “invisível”*: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007). Dissertação de Mestrado em Sociologia. Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

CARNEIRO, A. S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Programa de Pós-Graduação em Educação, Tese, USP, 2005.

COROSSACZ, V. R. Relatos de branquitude entre um grupo de homens brancos do Rio de Janeiro. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 105, p. 43-64, dez. 2014.

DIANGELO, R. *White fragility: why is so hard for White people to talk about racism*. Boston: Beacon Press, 2018.

- FRANKENBERG, R. A miragem de uma branquidade não-marcada. In: WARE, V. (org.) *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 307-338.
- GOMES, F. dos S.; LAURIANO, J.; SCHWARCZ, L. M. *Enciclopédia negra: biografias afro-brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo, Campinas: EDUC, Mercado de Letras, 2002.
- LABORNE, A. A. de P. *Branquitude em foco: análises sobre a construção da identidade branca de intelectuais no Brasil*. Faculdade de Educação, Tese, UFMG, 2014.
- MULLER, T. M. P. A criança branca idealizada pela imprensa no século XX. In: MULLER, T. M. P.; CARDOSO, L. (org.) *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017. p. 309-329.
- PASSOS, A. H. I. *Um estudo sobre branquitude no contexto de reconfiguração das relações raciais no Brasil, 2003-2013*. Departamento de Serviço Social. PUC-Rio. Tese. 2013.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2018.
- ROST, A. Interatividade: definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, J. (org.) *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã-Portugal: LabCom, 2014. p. 53-88.
- SAMPAIO, E. de O. Racismo Institucional: desenvolvimento social e políticas públicas de caráter afirmativo no Brasil. *Interações*. Revista Internacional de Desenvolvimento Local, v. 4, n. 6, p. 77-83, mar. 2003.
- SANTOS, R. *Branquitude e televisão: a nova África (?) na TV pública*. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.
- SCHUCMAN, L. V. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Instituto de Psicologia, Tese, USP, 2012.
- SCHUCMAN, L. V. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100010&lng=en&nrm=iso Acesso em: 23 maio 2018.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SOVIK, L. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2010.

VAN DIJK, T. A. *Discurso, notícia e ideologia: estudos na análise crítica do discurso*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2017.

VAN DIJK, T. A. *Elite discourse and racism*. Newbury Park, London, New Delhi: SAGE publications, 1993.

VAN DIJK, T. A. Critical discourse studies: a sociocognitive approach. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (ed.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. Los Angeles: SAGE, 2009 [2001]. p. 62-86.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.